

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E UMA FOLHA
DE BORDADOS EM TAMANHO NATURAL

M.elle LOU, A EXTRAORDINÁRIA BAILARINA DA COMPANHIA VELASCO

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA
DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE

DIPLOMATAS

Em honra do ministro de França e Madame Pralon e do ministro da Letónia, ofereceram a sr.^a D. Maria dos Prazeres de Matos e o sr. Manuel Joaquim de Matos, consul da Letónia em Portugal e presidente da delegação em Portugal da Câmara de Comércio Franco-Portuguesa, no Avenida Palace, um jantar que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo sido convivas além dos homenageados, o comandante Delhomme, adido militar junto da Legação de França e Madame Pompei; Touzet, presidente da Câmara do Comércio Francesa, em Lisboa, e Madame Touzet; Guicheney, director do Credit Franco-Português e Madame Guicheney; Lionel Raoul Duval, director da Agência Havas, em Portugal; Blaignan, delegado em Portugal da Compagnie Générale Aéro-postale; D. Maria Fernanda de Matos, e Diogo Alberto de Matos.

RECITA ELEGANTE

É hoje, domingo, 17, que no Eden Teatro, em duas sessões, se representa a revista de grande êxito «Rosas de Portugal», interpretada por autores e escritores teatrais, em recita de homenagem ao gerente da S. E. C. T. P., dr. Feliciano dos Santos.

A distribuição é a seguinte: «O Constante Leitor», Lino Ferreira; «D. Luís» e «Traste Moderno», Felix Bermudes; «O Outro que Diz», Mário Duarte; «Moço de Fretes» e «Pregoeiro», dr. Horta e Costa; «Palador Nacional» e «Um Pobre» Eduardo Fernandes (Esculápio); «O Moço» e «Homem de Armas», Silva Tavares; «O Cavador» Pedro Bandeira; António da Charneca; João Torres de Carvalho; «O Camponês», José Galhardo; «Bilheteiro», Arnaldo Brandeiro; «O Homem do Leme», Mário Barros; «Provinciano», Alvaro Leal; «Joaquim» e «Um Garoto», Lopo Laner; «Homem dos Dobros», Avelino de Sousa; «Solitário», Vasco de Matos Sequeira, etc.

Os ensaios têm sido dirigidos pelo autor-actor Valério de Rajante que desempenha o papel de «Jesus».

CASAMENTOS

Na igreja de Nevogilde, na Foz do Douro, sendo celebrante o cônego da Sé do Porto e digníssimo governador do Bispado, reverendo sr. dr. António Joaquim Pereira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se o casamento da sr.^a D. Josefina Pinto dos Santos da Fonseca Menéres, gentil filha da sr.^a D. Josefina Pinto dos Santos Menéres e do sr. José da Fonseca Menéres, e neta dos srs. Clemente Menéres e António Pinto dos Santos Júnior, com o sr. Alberto António Martins Manso, filho dos falecidos srs. Viscondes de Valpereiro.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Joaquina da Rocha Nogueira Pinto Menéres, tia da noiva,

que se fez representar pela mãe da noiva, e D. Teresa Manso Pessanha do Lago, tia do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o sr. capitão Francisco Lemos de Mendonça, cunhado do noivo.

Findo o acto religioso, durante o qual se fez ouvir um exímio sexteto do Grupo de Santa Cecília, que executou vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, em Vila Nova de Gaia, um finíssimo lunche.

Serviram de caudatários da noiva os meninos Maria Luísa de Carvalho Meyreles e Alvaro Loureiro Pinto dos Santos, e levou as alianças o menino Clemente de Freitas Araujo Menéres. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Na assistência viam-se as sr.^{as}:

D. Teresa Manso Pessanha do Lago, D. Maria Adelaide Pinto dos Santos Pais, D. Rosa Manso Lemos de Mendonça, D. Luísa Rebêlo de Carvalho Menéres, D. Maria Neves de Araujo, D. Berta Pinto dos Santos Vilares, D. Maria Emília Correia Pinto dos Santos, D. Adelaide de Freitas Menéres, D. Isaura Ribeiro Pinto dos Santos, D. Maria Matilde Menéres Ferreira Fontes, D. Alice Loureiro Pinto dos Santos, D. Maria da Conceição Pinto dos Santos Ramos, D. Maria Amélia Malheiro Lopes, D. Maria Beatriz Pinto dos Santos da Fonseca Menéres, D. Maria Sofia Maya Luizelo, D. Maria Emília Pinto dos Santos, D. Maria do Cén Malheiro Lopes, D. Madalena Luizelo, D. Ilda Correia Pinto dos Santos, D. Maria Antónia Menéres de Araujo, D. Maria Luísa de Carvalho Meyreles, etc., etc.

E os srs.: Capitão Francisco Lemos de Mendonça, Alberto Vilares, Carlos Alberto Marinho Pais, João Carlos Vieira Ramos, António Pinto dos Santos,



Assistência elegante às provas hípias realizadas ultimamente no campo de Bessa, organizadas pelo Centro Hípico do Porto, a favor da Corporação dos Bombeiros Voluntários

Manuel da Fonseca Araujo Menéres, Fernando Pinto dos Santos, António Menéres de Araujo, João António Luizelo, Edgar Ferreira Fontes, Alvaro Pinto dos Santos, Dr. José Pinto Menéres, João Pacheco Rebêlo de Carvalho, Alberto Pinto dos Santos da Fonseca Menéres, António Ribeiro Pinto dos Santos, Fernando Pinto dos

— Realizou-se com grande brilhantismo, na capela particular da elegante residência da sr.^a D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo e do sr. Tomás de Paiva Raposo, à Avenida Fontes Pereira de Melo, o casamento de sua gentil filha D. Maria Antónia, com o sr. Luís Filipe Bandeira de Melo, filho da



Um lindo carro ornamentado que tomou parte na batalha de flores, realizada no dia 3 na Avenida da Liberdade, a favor das Casas de Caridade de Lisboa

Santos Júnior, Clemente Freitas de Araujo Menéres, etc., etc.

Na «corbeille», que estava exposta em uma das salas da residência de Vila Nova de Gaia, via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

sr.^a D. Antónia Taborda Couto Bandeira de Melo e do sr. Luís Bandeira de Melo.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a avó do noivo sr.^a D. Antónia Taborda Couto, e padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso foi servido no vasto salão de mesa da elegante residência um finíssimo lunche da Marques, que apresentou a novidade de o «menu» ser escrito em português, o que deu uma nota bem patriótica. Os noivos seguiram no rápido da tarde para a Casa de S. João, em Oliveirinha, na Beira Alta, propriedade do noivo, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

A NOSSA PAGINA DE BORDADOS

♦ ♦ TAPETE ♦ ♦ BORDADO A LÃS

O êxito das nossas páginas de bordados em tamanho natural envaidece-nos, enche-nos de orgulho.

Nelas vem publicado o que há de mais belo e delicado na decoração de interiores, e a tal respeito recebemos diariamente inúmeras cartas de elogio e pedidos de inserção dêste ou daquêles monogramas, dêste ou daquêles desenhos.

A nossa página de hoje dá a parte central do tapete feito a lã com a agulha «fada do lar», cuja barra demos no número anterior, ficando o tapete completo.

É um magnífico tapete sobre o qual já recebemos vários pedidos não só de lã como da própria agulha. Aproveitamos a oportunidade para informar as nossas gentis leitoras de que a Voga se encarrega de enviar, contra-reembolso, todo o material necessário que não haja à venda na localidade onde morarem.

Prevenimos as leitoras que já nos pediram a «fada do lar», que esta hoje mesmo lhes será enviada.

Por êste serviço a Voga não tira o mínimo lucro. Basta-lhe a alegria de ter oportunidade de corresponder à gentileza e entusiasmo com que o público feminino do nosso país a acolheu.

Amor com amor se paga: aqui estamos às ordens para servir as nossas leitoras.

ESPARTILHOS E CINTAS



“POMPADOUR”

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

“A POMPADOUR”

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30



Casamento da sr.^a D. Josefina Pinto dos Santos da Fonseca Menéres, gentil filha da sr.^a D. Josefina Pinto dos Santos Menéres, e do sr. José da Fonseca Menéres, com o sr. Alberto António Martins Manso, filho dos falecidos srs. viscondes de Valpereiro, cuja cerimónia se realizou na igreja de Nevogilde, na Foz do Douro, no dia 30 do mês passado. Os noivos com os seus convidados nos magníficos jardins do palacete dos pais da noiva, em Vila Nova de Gaia

Mais de 80 tamanhos de capachos

TODAS AS QUALIDADES
TODOS OS PREÇOS

GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — R. de S. Bento, 120 a 130

Telefone 801

Ayuntamiento de Madrid

CRONICA DA SEMANA

AS FESTAS DE JUNHO

COM o advento de Junho, — tão preguiçoso este ano em suas manifestações que até nem a gente sabe se isto será fins dum pálido verão, se começos dum inverno suave! — com o advento de Junho era costume iniciar a capital o grande auto das comemorações populares para gaudir da sua cosmopolita população... Era a época dos folguedos característicos e ruidosos com os balões armados em luminárias coloridas, os bailaricos ao ar livre, as marchas ao som de violas e ferrinhos, os cravos e mangericos, o apertão, o arroz doce e os cochichos da Praça da Figueira, e tudo isto durante três noites em que ninguém pregava olho, se namorava e dançava à maluca e o arraial de sonhos e esperanças se armava no coração dos lisboetas... Santo António, S. João e S. Pedro, três noites de gaudir formidável e inconfundível a que, depois, o governo republicano ajuntou a noite de S. Camões — mais um pretexto para regabofe, bailarico e foguetório de arrazar...

Confessemos que este ano essas festas foram excedidas em número. Além das festas a Santo António — o grande companheiro do angelico Poverelo! — dos festejos a S. Camões e dos que se irão seguir ao severo Precursor e ao celeste claviculário, tivemos a noite de Augusto de Melo e a homenagem a José Malhó. Não de concordar as leitoras que o lisboeta razões teria de sobejo para estar contente da sua vida!...

Mas, tôdas estas festas, digamo-lo sinceramente, deixaram de se efectuar como outrora ao sol dos nossos corações para só terem a alumiá-las um tristíssimo luar de saúde!... Vivem hoje apenas de recordações doutros tempos melhores e o seu perfume é bem o das flores secas e mortas! Ponto já de parte os festejos populares aos três grandes habitantes do longínquo Paraíso, e a comemoração do desventuradíssimo poeta nacional — comemoração que já mais se impôs a ninguém a não ser pelo ridículo duns bailaricos e foguetes em torno da estátua dum Grande de Portugal que todos desconhecem! — consideremos apenas a festa de Augusto de Melo e a homenagem a José Malhó... E vê-se há então que a Saúde foi a única entidade de categoria a participar das festas em referência... Augusto de Melo foi um dos mais ilustres artistas da nossa terra, um mestre incontestado e indiscutido de grandes actores, a cuja acção e a cujo saber os nossos teatros deveram noites que nunca poderiam es-

pretexto para estudos sérios, e ninguém se preocupava em ser estrela mas sim em resurgir uma personagem, Augusto de Melo — cuja época, infelizmente, passou — deveria ter olhado com uma infinita, uma dolorosíssima saúde, o fecho da sua carreira de artista... No seu tempo os actores que a morte já levou e aqueles que hoje constituem reliquias, apenas se preocupavam em fazer arte: os actores de hoje curam sómente de fazer escudos... Se não será motivo para ter saudades, meu Deus! para ter saudades dum tempo em que a Arte visava a Casa de Molière e não a Casa da Moeda!

E o mesmo poderíamos dizer a respeito da homenagem a José Malhó, o grande e português pintor da terra portuguesa... Pertenceu o mestre de *O barbeiro de Aldeia* e da *Varanda de Rouxinois* a uma geração de artistas que, antes de se abalancar à factura duma obra, a estudavam seriamente e já mais se davam por satisfeitos de si e do seu trabalho... Dominava-os a ânsia de produzir melhor, e tinham o respeito da verdade, o culto acendrado da sua arte que desejavam se impuzesse por si e já mais pelo barulho de teorias que ninguém percebe e de malabarismos que não convencem ninguém a não ser os parvos. Salvo raríssimas excepções, a pintura de hoje vive da ignorância timorata dos frequentadores de exposições e do atrevimento incultíssimo dos críticos. Ninguém estuda a sério: há quem se julgue um formidável artista simplesmente porque tem dois anos de desenho nas Belas Artes e atira para os Salões de pintura com monos de que todos — a principiar pelo autor — lá no intimo se riem... O que a gente tem visto a tal respeito, Deus do céu!...

Assim José Malhó, ao receber as homenagens que lhe tributavam como um prenuncio de encerramento da sua carreira gloriosa, deveria sentir, a par duma grande saúde por tempos de luta e trabalho, uma dolorosíssima e silenciosa máguia: a máguia e a saúde que quecer. Artista dos tempos em que um papel qualquer, por mais humilde que ele fosse, era



MODA E MODELOS

(DESENHO DE RODOLFO)

A CLIENTE:

— Mas eu estou proibida de banhos de mar...

A MESTRA:

— Perdão!... Mas isto é um abafco... para o verão!...

A PROPOSITO DE LIVROS

PROTECÇÃO À MULHER, pelo sr. JOSÉ RIBEIRO ALVES JÚNIOR — A VENUS MUTILADA, poemeto pelo sr. JOAQUIM RESENDE BORGES

ESTE modesto folheto que, sob o título *Protecção à mulher*, o sr. José Ribeiro Alves Júnior acaba de publicar, encerra as duas teses apresentadas pelo mesmo senhor ao 2.º Congresso Feminista realizado este ano em Lisboa e parece-nos digno de atenta leitura por parte das nossas queridas leitoras, visto nele encontrarmos um bom senso e uma ponderação a que não estamos acostumados em publicações desta natureza. O sr. Ribeiro Alves Júnior, versando o grave problema da protecção que, sem ridículos exageros, é preciso conceder à mais bela metade da criação, fá-lo por um modo talvez desagradável para a grande maioria das congressistas mas que, verdade seja, ninguém dotado de são juízo e clara experiência deixará de aplaudir. Quer o autor em questão que a mulher deixe de ser o que até aqui tem sido: um animal de luxo ou um ser indefeso sempre à mercê da maldade do sexo forte: pugna pelo estabelecimento de leis que punam com a maior severidade casos como aquele que os jornais ainda há semanas largamente verberaram e infelizmente tão vulgares entre nós... Não podemos deixar de aplaudir as ideias do sr. Ribeiro Alves Júnior, tanto mais que o mesmo senhor, com um sentido das realidades muito para apreciar, não envereda pelo caminho das impossíveis reindicações e se limita muito louvavelmente a encerrar a mulher sob o seu verdadeiro aspecto: o de boa dona de casa, boa esposa e boa mãe. Iamos jurar que as teses do autor referido chocaram dum modo muito desagradável as participantes do Congresso Feminista porque, infelizmente, entre nós, feminismo é um termo de tão exagerada amplidão que, às duas por três, redunda na exigência de situações que não participam nem da lógica nem do bom senso...

Tem o sr. Joaquim Resende Borges, neste ano da graça de 1928, decidida preferência pelas rimas opulentas e pelos assuntos da velha Grécia. Testemunho disso, esta *Venus Mutilada*, poemeto aonde o mesmo senhor, tomando como tema a formosíssima estátua encontrada em Milos em 1820, explica a seu modo e em verso a mutilação que sofreu essa bela obra escultórica da antiga civilização helénica. Várias teem sido as explicações que da aludida mutilação teem dado artistas e críticos sem contar os gracejos que os alemães a tal respeito teem debitado com grande cópia de risota... A interpretação do sr. Resende Borges é mais simples e lírica: tudo se resume a um conflito, a uma scena de ciúmes entre o presumido autor da estátua e a sua não menos presumida amante.

Como veem, a interpretação Resende Borges não prima pela originalidade. Mas mentiríamos se dissessemos que o poemeto não manifesta qualidades de poeta e se não lê com desfecho.

F. M.

NA PEROLA DO VOUGA



Uma das mais lindas tricanas da Beira Marítima

VOGA

SEMENARIO ILUSTRADO DA MULHER PORTUGUEZA

A PARTIR DE 21 DE JUNHO PASSARÁ A PUBLICAR-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

Conforme já aqui anunciamos e em virtude de se estar na época das praias e termas e para que as nossas presadas leitoras e assinantes possam receber a tempo o nosso semanario, **VOGA** a partir de

21 DO CORRENTE

passará a publicar-se com toda a regularidade

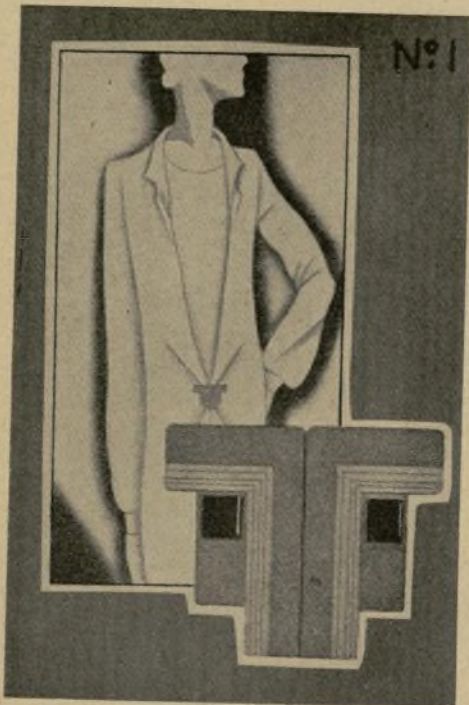
AS

QUINTAS-FEIRAS

Todos pois devem comprar na proxima Quinta-feira 21 de Junho o numero 39 de

SEMENARIO ILUSTRADO **VOGA** DA MULHER PORTUGUEZA

A melhor publicação do género em toda a Peninsula



Nº 1

AS MODAS EM VOGA

AS ÚLTIMAS
CRIAÇÕES DOS
COSTUREIROS
... DE PARIS ...

OS PORMENORES
MODERNISTAS
NO VESTUÁRIO
... FEMININO ...

MAGNÍFICAS FIVELAS E FECHOS

põem à vossa escolha: Uma colecção de lindas fivelas, em vários feitios e critérios, pois entre elas se encontram sóbrias e extraordinariamente trabalhadas num requinte de bom gosto e mestria estas lindas fivelas que farão o encanto das nossas leitoras e a beleza das suas «toilettes».

Estes quatro lindos modelos que *Voga* hoje publica, são das últimas criações que em Paris viram a luz da publicidade com o agrado geral de todas as elegantes e regosijo dos costureiros, pois estas lindas fivelas em harmoniosas combinações de tons, completam-lhes a elegância modernista e decorativa que hoje se imprime a toda a «toilette», quer de noite ou passeio.

Estes modelos, assim como outros pormenores da «toilette» feminina, são inspirados nas artes decorativas modernas. Qualquer destas criações é nitidamente modernista e também tem na sua composição algo de cubismo.

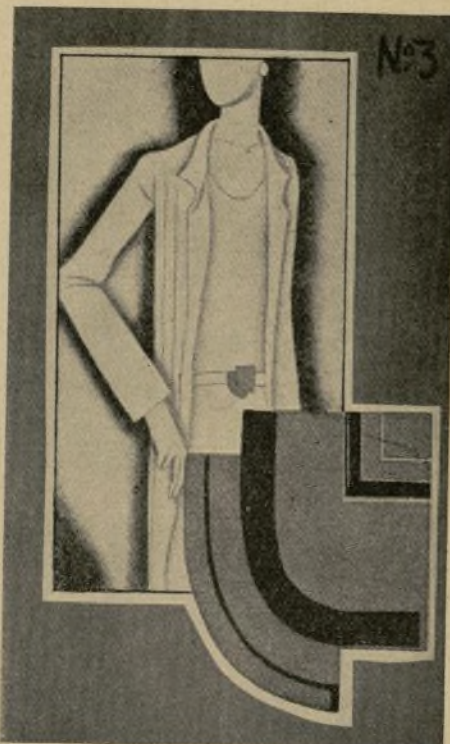
O n.º 1 é um lindo fecho para os casacos de verão, que se usam, não sobrepondo mas ape-

vestidos de noite aos quais, apesar dos bordados a «trass» dum, e a renda preta «ciré» do outro, as fivelas emprestam o brilho festivo e luminoso das suas pedrarias.

Muito simples, estes vestidos perderiam muito do seu conjunto elegante e distinto se não tivessem estas duas lindas fivelas de pedrarias que segura os graciosos «drapées» que tornam tão requintados vestidos de noite.

Temos, pois, mais estas maravilhosas criações a juntar às imensas que por todo o mundo, e muito principalmente Paris, se estão fazendo a cada momento, unicamente para a mulher.

Pode-se assegurar que é a mulher que contribui para empregar milhões e milhões de criaturas, pois desde a manufatura de sedas, veludos e todos os tecidos, feitos expressamente para ela, à fabricação de pequenos nadas, como fivelas, travessas, colares, escravas, etc., até mesmo à organização dos cabeleiros de senhoras, tudo contribui para trazer empregada



Nº 3

QUE invencíveis espíritos de criação tem os grandes costureiros de Paris e todas as criaturas que, à porfia, procuram descobrir qual a melhor e a mais elegante moda, qual a fantasia que mais fará realçar a «toilette»!

Rivalidades intensas e tempestuosas se levantam por vezes naquêl campo de indústria.

Quando, alegres, nós tomamos conhecimento duma nova moda e a adoptamos, mal podemos pensar quantas noites de insónia por ela o seu criador sofreu, quantos temores e arrelhas ela lhe acarretou. E nós insensivelmente ostentamos essa moda e com ela nos embelezamos sem ao menos um pensamento enviarmos àquêl que nos facilitou essa alegria, sacrificando-se, arrelhando-se, só com o interesse de vencer, de ser coroado com o êxito da divulgação que só a nós compete e só de nós depende.

Quantos homens empregados na «Arte de Bem Vestir» tem suspensas das nossas preferências a sua glória sobre os outros, e também o pão de cada dia. Se o desenhador de modas não desenha coisas que nos agradem, M. Patou e M. Poiret despedi-lo hão.

É um capricho de mulher que lhes salva as suas criações ou que as perde, atirando-as com desdém para o lado e nem ao menos conseguem enfadar-nos com a sua presença desagradável.

E nêsse desdém, quantas noites vigilantes, estêreis e arrelhadas, desprezamos sem um arrepiro de comoção ou de pena!

Sem o pressentir, a mulher tem dentro da moda um reino. Ela dirige centenas de vassallos com um gesto, um olhar, ou uma preferência, pois todos eles acorrem solícitos e pressurosos desejando agradar-lhe e convenientemente servi-la.

E a mulher, sempre serena e impassível, acolhe êste com um sorriso, naquêl nem repara, a outros apenas um leve e rápido olhar lhes concede e, assim, não agradece a vassalagem e preito que eles prestam à sua beleza.

Os pormenores modernistas e graciosos trazem azafamados centenas de artistas, que capricham em apresentar a fivela mais linda, mais bizarra ou original; os fechos preferidos, os adereços de fantasia em pérolas ou pedrarias brancas e de cores, mais dignos da preferência das elegantes, enfim, todos se esforçam, trabalham, e se preocupam para nos dar mais um acessório de «toilette» que ainda mais embeleze e simultaneamente nos faça dispendir dinheiro, a verdadeira pedra filosofal porque todos anseiam e lutam.

E eis, leitoras queridas, o que nêste momento os vossos humildes e afectuosos servidores



nas ligando à frente com uma destas deliciosas fantasias. Em dois tons de azul e dourado êste fecho assenta muito bem numa «toilette» em crepe da China azul escuro, composta de casaco e vestido.

O n.º 2 é um lindo fecho para vestido, feito duma substância transparente lilaz sobre o qual sobressaem finas riscas douradas.

Os n.ºs 3 e 4 são duas fivelas inéditas e graciosas, feitas em preto, cinzento-claro e ouro.

Por último temos dois lindos modelos de

uma parte da humanidade que sem isso vegetaria por aí em grande parte. O luxo da mulher, que em geral é tomado como um desperdício e perulidade é, afinal, uma das grandes molas que fazem girar multidões, como são as grandes fábricas onde trabalham milhares e milhares de pessoas a ganhar o seu sustento e o dos seus.

Com isto há quem queira provar que a mulher gastando um pouco em luxo — quasi se torna uma benemerita...

MADemoiselle X.

RECEITAS DE COZINHA

CORLHO A MODA DE BORGONHA

PARA se fazer êste prato é preciso um coelho muito branco que, depois de convenientemente preparado, se corta em bocados e se aloura em manteiga com algumas tirinhas de toucinho; quando o coelho estiver ligeiramente alourado, polvilha-se com uma colher de farinha e mexe-se muito bem até ela estar dissolvida na gordura e deitam-se depois dois terços de litro de vinho branco (Borgonha de preferência) e um terço de água, juntam-se-lhe uma dúzia de cebolinhas pequenas, um dente de alho, sal, pimenta, algumas ervas aromáticas e cogumelos à vontade. Deixa-se cozer tudo docemente e no momento de se servir liga-se o molho com uma gema de ovo adicionada de creme ou leite. Também o frango se pode arranjar desta maneira.

RINS DE CARNEIRO SALTEADOS

Tomam-se seis rins de carneiro, cortam-se ao meio no sentido do comprimento, tira-se-lhes a película e a parte gorda e divide-se cada metade em lamina delgadas.

Deitam-se numa salteadeira trinta gramas de manteiga, põe-se ao lume a derreter, deitam-se

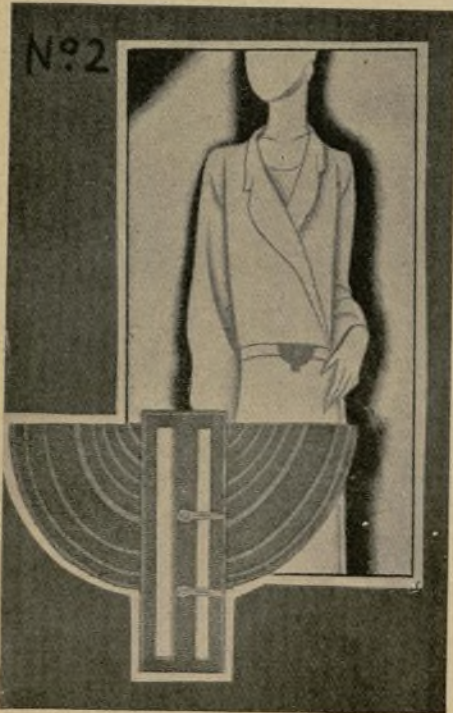
nessa manteiga os rins e salteiam-se em fogo vivo cerca de cinco minutos; temperam-se com sal, pimenta, uma colherinha de salsa picada e raspas de noz moscada; polvilham-se com um pouco de farinha de trigo, salteiam-se ainda um minuto, regam-se com meio decilitro de vinho tinto e outro tanto de caldo, deixa-se ferver a mistura em fogo brando durante muito pouco tempo e serve-se tudo.

PERAS COBERTAS

ELEMENTOS A EMPREGAR

Peras descascadas..... 500 gramas
Açúcar pilado..... 500 "

Descascam-se as peras e dá-se-lhes uma fervura pequena, em calda feita com açúcar pilado em ponto de pasta (calcula-se o peso do açúcar pelo das peras) retiram-se do lume e põem-se a escorrer numa travessa. No dia seguinte repete-se a operação da fervura em calda e a de pôr as peras a escorrer; no terceiro ainda se faz o mesmo e as peras ficam prontas depois de secar, tendo-se elevado a calda a quasi ponto de reboçado na última vez que se mergulhem as peras.

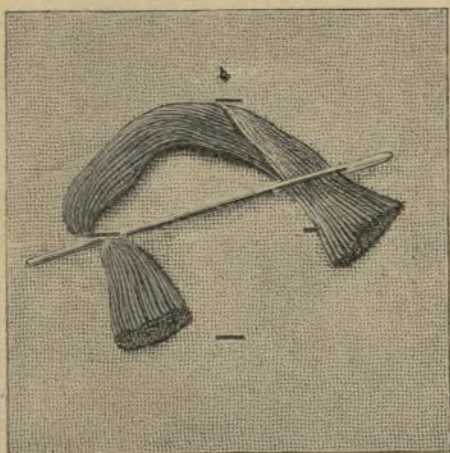


Nº 2



Nº 4

MALAS E BASTOS SILVA, L.^{DA}
CARTEIRAS ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81



BORDADOS E RENDAS

BORDADOS DE MALTA

que os homens o invejaram. Cobriram-se de seda azul ou cor de rosa, puzeram punhos e bofes de rendas, e se os velhos usavam rapé nas pequeninas caixas de algibeira, os moços usavam bombons.

Nessa altura até usaram o cabelo encanado aos lados, e laços de seda na trancinha enrabichada.

O século XVIII foi, de facto, o mimoso século das rendas, das gulodices e madrigais — rendas subis, gulodices perfumadas, em que as palavras formam teia, em que as frases são doces como bombons de licor.

E agora tratemos dos bordados de Malta.

Os habitantes da ilha de Malta teem um género de bordado muito particularmente seu e que empregam para enfeitar os seus objectos de lar.

É este bordado um dos que compõem trabalhos mais vistosos e originais, tendo ainda a vantagem de ser em Portugal um trabalho pouco conhecido.

O ponto do bordado de Malta é inconfundível com outro ponto qualquer e melhor do que qualquer outro compõe cortinas, reposteiros, panos de armar e outras obras de grandes dimensões, para as quais este bordado, que é duma execução muito fácil e rápida, parece ter sido destinado.

O tecido que serve de fundo deve ser muito forte. Um tecido levemente rosado ou amarelado é muito preferível aos tecidos crus.

Este género apenas pode ser trabalhado a cores, pois um fundo branco trabalhado com estas pequeninas borlas no mesmo tom far-lhe-ia perder a originalidade e graça, roubando-lhe simultaneamente o seu natural carácter. O relevo que este bordado dá a qualquer desenho, aliado às cores lindas e bem combinadas que se deve empregar, fará, decorativamente, uma das mais lindas ornamentações de lar que se possa desejar.

Para se confeccionar uns reposteiros de escritório ou casa de jantar, é este um dos processos mais indicados pelo seu aspecto levemente maciço de tapeçaria antiga e solene. O mesmo desenho, apenas com uma mudança de cores (mais sérias umas e outras mais garbadas) se pode aproveitar para a ornamentação tão precisa de escritório e casa de jantar.

Por um canto completamente bordado que aqui publicamos, vê-se distintamente quanta gracilidade e beleza as pequeninas borlas que formam o desenho dão a qualquer trabalho onde se utilize este bordado.

Duas gravuras explicativas indicam a maneira de se fazer o ponto, a que acrescento algumas palavras para deixar a leitora devidamente elucidada.

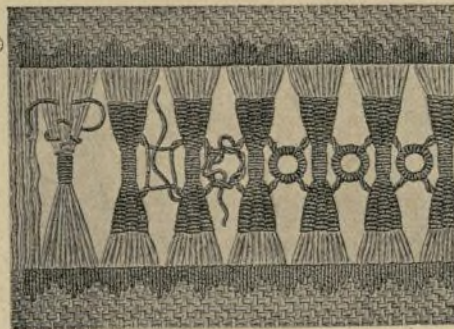
Como é natural, marca-se primeiramente o desenho, calculando previamente a distância a que borla e borla deve estar, com uns simples que borla e borla devem estar, com uns simples traços horizontais nos lugares onde as borlas serão colocadas.

Contam-se, segundo a grossura do tecido, quatro a seis fios de largura por ponto. A direcção do ponto que fixa a borla no cimo é sempre horizontal. A linha a empregar é a de Alsácia ou uma linha felpuda, tal como a «mouliné», de que se tomam seis a doze fios para cada agulha.

Este bordado faz-se sempre de baixo para cima, começando-se o ponto pelo meio do traço

horizontal traçado sobre o pano, donde saí uma porção de linha com um a dois centímetros de comprimento. Depois faz-se sair a agulha, distanciada de dois a três fios de tecido à esquerda, conduz-se as linhas que estão na agulha por cima da mecha de linha que se deixou a exceder do pano, para, a seguir, se fazer entrar a agulha à distância de alguns fios à direita, do centro do ponto. Finalmente, volta-se de novo ao meio do ponto, onde se cortam as linhas com o mesmo comprimento das que primeiramente se deixaram e o ponto está feito. A nossa primeira gravura explicativa mostra bem visivelmente a maneira de se fazer o ponto e na outra, quatro pequenas borlas mostram bem o gracioso resultado a obter.

Para se ver mais distintamente o resultado que este género de bordado compõe, publicamos aqui um lindo canto, completamente bor-



gado. Este desenho pode ser facilmente aproveitado, embora esteja muito reduzido. Contam-se as borlas, que nas gravuras explicativas estão em tamanho natural e, assim se compõe o desenho, feito nas seguintes cores: Os triângulos exteriores são trabalhados em verde e creme; e as linhas direitas que os ligam são formados por três ordens de borlas, em amarelo e azul. No fundo devem empregar-se o azul para a barra, formada por quadrados; o amarelo e o verde para as flores de lírio; e o creme e o verde para os pequenos losangos que semeiam todo o fundo nos espaços mais desabrigados de bordado.

Como as leitoras verificarão, este género de bordado é um dos que mais lindos se nos apresentam, tanto pela sua originalidade e beleza como pela facilidade de execução, que é surpreendente.

Estamos certos de que muitas das nossas leitoras, entusiastas pelos trabalhos femininos e principalmente os que lhes tragam algo de inédito e belo, tentarão este bordado de Malta com a felicidade de conseguir lindos efeitos e guarnições.

Duas bainhas abertas, muito graciosas e fáceis, juntamos aqui para as leitoras que, com menos paciência ou por o não necessitar, não utilizem o bordado de Malta.

Qualquer destes dois modelos é bem interessante e fácil não sendo, portanto, necessário pormenorizá-los. Uma das bainhas é feita em duas cores (ou dois tons) ao passo que a outra é apenas num.

Eis, pois, dois géneros de trabalhos que deverão agradar a todas as nossas leitoras, quer conservadoras quer evolutivas nos seus trabalhos femininos.

BERENICE.



BAGATELAS & NINHARIAS

UM HOMEM CELEBRE...

O cidadão francês Simeon Bourde orgulha-se de ser um dos homens mais importantes do seu país, tendo, para que assim o reconhecessem, enviado às redacções de muitos jornais o seu cartão de visita, o qual tinha impressos os seguintes pitorescos dizeres:

SIMÉON BOURDE

Presidente da Sociedade dos jogadores de Bilihar de Saint-Florer
Presidente honorário da Sociedade Protectora das Rãs de Versailles
Membro fundador da Sociedade Literária do «Lilás em flor»
Secretário geral do Club dos Sessenta Quilos
Membro da Sociedade Promotora da cultura intensiva dos mangericos
Membro honorário da Federação dos Tocadores de Ocarina etc., etc., etc.

AS SAIAS E AS CALÇAS

A saia curta foi, definitivamente, suprimida na Hungria, em todas as grandes escolas. Mas, não se regosijem com esta medida proibitiva os partidários da indumentária de há 20 anos. As saias curtas não foram substituídas pelas saias compridas. As estudantes passaram a andar com um traje muito semelhante ao dos marinheiros: blusa azul marinho e calças largas. Assim o deliberou o ministro da Instrução Pública, que considerou para as raparigas as calças de homem menos imorais do que as saias curtas.

A DANÇA NA ZULULÂNDIA

A dança é tida entre os povos do interior de África, num conceito muito elevado, notabilizando-se, a esse respeito, as mulheres das tribos Makérés e Mangebutus. Nos confins de Zululândia são as mulheres que dançam para recreação dos homens e encorajamento dos que partem para a guerra. Os seus bailados, bastante complicados, exigem utensílios imprevisíveis. Algumas dançarinas costumam servir-se dum guarda-chuva, que elas manejam como se fora um sabre para afastar, do corpo do marido, os espíritos malfazejos.

A MULHER PORTUGUEZA



Quatro lindas tricaninhas de Aveiro





Vestido de noite em crepe da China bordado a contos em dois tons. (Marlial et Armand) Foto G.L. Manuel Freres



Vestido em foulard de seda lavrado em bege e azul. (Max Michels) Foto Manuel Freres



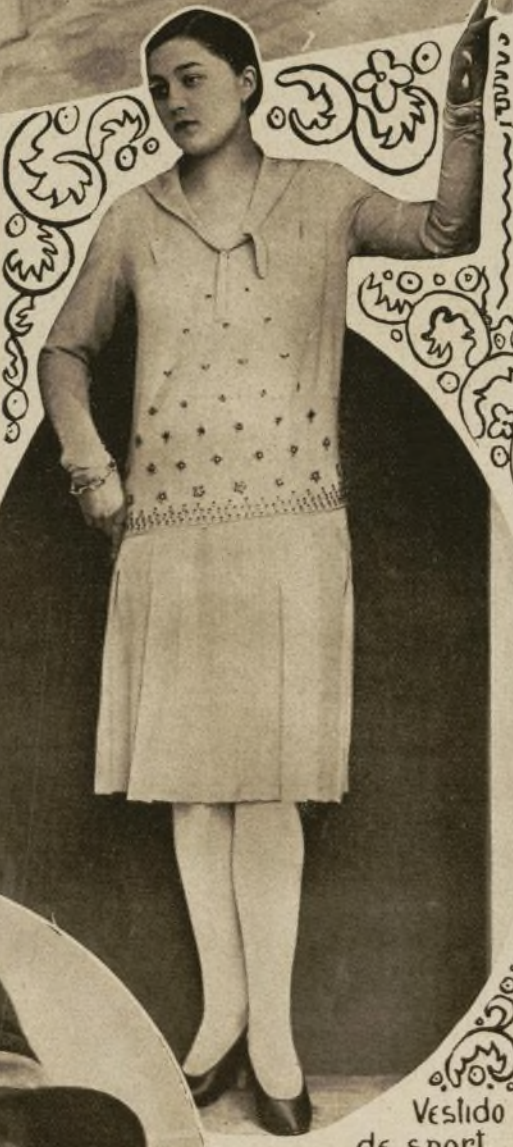
Vestido em crepe da China lavrado e liso. (Fairyland) Foto Henri Manuel



Vestido em crepe 'georgette' beige. (Cyber) Foto G.L. Manuel Freres



Vestido de sport em crepe 'vieux rose' bordado com contos irregulares. de Farné se Foto Henri Manuel



Colete em pele de cobra usado por miss. Franço



Cloche em palha 'manille' preta guardado de veludo verde melho, beige e preto (Corinne) Foto Henri Manuel



Chapeu em seda 'gros-grain' vieux rose, de Lewis Foto G.L. Manuel Freres
Vestido de noite em lame e tule de seda, de Stephane Foto G.L. Manuel Freres



Vestido de noite todo bordado a contos em dois tons de rosa, de Jean Maguin. Foto G.L. Manuel Freres



Vestido em 'reps' de seda



Vestido de casaco em lã e crepe da China beige enfeitado com plissados, de Nicol et C. Foto Henri Manuel



Vestido de passeio em crepe da China preto enfeitado a crepe da China branco e azul, de Welley Soeurs. Foto Henri Manuel



Deshabille em musse lina de seda rosa bordado a prata, de Dreccoll Foto Scaroni
Vestido de noite em musselina de seda rosa em folhas unidas por fitas prateadas, de Blanche Lehouvier
Vestido de noite em crepe 'georgelle' e galão rosa, de Philippe el Gaston. Foto G.L. Manuel Freres
Chapeu em feltro preto com aba e fita em organdi, de Holvoet

CADY NO CINEMA



CARTA DE PARIS

Minha querida:

O velho calendário perdeu de certo muitas folhas porque, subitamente, nos encontramos em pleno frio.

Acabaram-se as lindas visões das musselinas e organdis. Não se vê novamente senão pelicas, casacos e estolas. As casas de costura lamentam-se amargamente porque, mesmo para as festas de Pentecostes, não se podem vestir ainda vestidos leves.

O que há de melhor a fazer é aguardar com um vestido de «sport» «chica», que bastará para uma pequena demora na praia ou no campo.

E durante esse tempo, a temperatura voltará à normalidade.

Por agora continúa a fazer-se a vida da estação passada, pois as reuniões, os chás e as festas de caridade, persistem.

Com a minha amiga Margarida visitei as ga-



lerias de quadros. Ela adora a Arte e por isso percorremos, estes últimos dias, o Salão das Artes Decorativas, assim como a Exposição Largillière, no Petit Palais.

Esta semana vi várias primeiras comunhões onde, fóra as heroínas do dia, havia um grande número de crianças adoravelmente vestidas.

Estavam duas irmãs vestidas da seguinte maneira: Uma em tafetá rosa num tom muito claro. O «empiècement», liso, era comprido, e a saia formada por pétalas, bem separadas umas das outras. Pequenas grinaldas de minúsculas rosas adornavam a parte superior das pétalas.

A mais velha ia vestida em crepe da China bege-claro, com florinhas vermelhas. Um lindo «fichu» em rendas antigas e uma barra em

ARRANJAMOS lugares de balcão. Já a graciosa «taquillera» nos prevenira de que só em pé se poderia estar no balcão desde que se entrasse àquela hora.

Subimos a escada. Ante o espelho do primeiro patamar surgem interrogações, risos:

— Vê lá... Estou muito caída?

— Não; que ideia! E eu, e eu?

— Tens muito «rouge» nos lábios.

Quando entramos reina a escuridão. A pesar disso há murmúrios na nossa passagem:

— Que interessante!

— Tem aqui um lugar, minha senhora!

Instalo-me entre um velhote e um rapaz dos seus treze anos.

Ao lado deste uma rapariga nova, 16 anos ou menos talvez, gorducha, *rondellette*, sorridente. A seguir um alferes, dandinesco, com modos conquistadores. Estamos encostados ao tabique que separa os camarotes de balcão do «promenoir». Continua reinando a escuridão. O foco luminoso passa, partindo da «cabine» do operador e cai em jacto sobre o «écran», onde correm peripécias dum filme de séries.

Há momentos de grande entusiasmo; gargalhadas.

Depois frêmitos de comoção, de ansiedade.

Alguém exclama:

— Agora, agora...

Nisto, a scena é terna. A heroína deixa-se enlaçar. Quatro ou cinco bocas da geral simulam beijos estridulos. Partem comentários:

— Que rico chόcho...

— Estes «tipos» teem sorte!

O alferes fala baixinho à rapariga, que volta o rosto, enfasiada. E o garoto, que eu já deduzi ser o irmão dela, diz alto ao militar:

— Cuidado! Não se meta com ela. Parece-me que é dos pesos médios! Punha-o knock-out ao primeiro round!

O outro enfia, procurando sustentar o sorriso e o monόculo.

Algumas pessoas não compreendem o filme.

Outras, então, explicam:

— Aquela, vê, é a tia do marrequeta... sim

aquele que leva os documentos ao outro, ao alemão, ou grego, ou que diabo é... Não, olhe,

afinal quem leva os papeis o que ali vai a correr. É cόxo, é pernetta... depois...

Depois, recordo-me que fui um dia, quando era pequena, com uma senhora velha que já faleceu, assistir a uma sessão no Salão da Trindade. Exibia-se a «Rainha Elisabeth», tendo como protagonista a divina Sarah Bernhardt.

No final a artista, terminada a scena da morte da rainha, surgia num trono sorrindo ao público, o que fez dizer a minha velha amiga, intrigada:

— Então ela ressuscitou? Mas ela tinha morrido...

Tive um trabalho insano para lhe explicar que não. Eu falava alto, suava, gesticulava.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

Todos olhavam para nós. Em seguida tinham projectado um filme cômico do saudoso Max Linder. Logo ao princípio rebentaram gargalhadas. E a pobre senhora lembrou-se de me dizer:

— Isto é a continuação da outra fita. Mas quando é que a rainha torna a aparecer?...

Agora pizaram-me. Eu reponto indignada:

— Ai...

— Eu não tenho olhos nos pés... Cra a «delembida»...

E o gentleman afasta-se, retorcendo o bigode com magestade e saliva.



A heroína deixa-se enlaçar...

As cadeiras, os fauteuils, os camarotes estão cheios de homens.

O promenoir repleto de senhoras de pé. E é esta a ocasião de exclamar chorando:

«Mais, où sont les neiges d'antan?»

CADY.

A PAIXÃO SUPREMA DE GINA RELLY

GINA Relly, a conhecida artista cinematográfica, não ama os prazeres mundanos, nem se deixa lisongear pelo incenso dos seus admiradores.

Viver nos studios, porque ama a sua profissão, representa para ela o único contacto suportável com a civilização complicada e, um pouco artificiosa, dos meios citadinos. O seu grande e, talvez, o seu único prazer — é o campo. Não o adora por snobismo, como acon-

tece com muitas pessoas que levam para elle todos os ruídos, todos os hábitos, todas as *toilettes* das grandes cidades. Gina Relly despe sua alma para se incarnar na duma pobre rapariga, camponia restrita, que conhece melhor os animais dos estábulos do que os homens.

Nesses momentos, Gina Relly sente-se intérprete dum grande filme bucólico — um filme duma realidade suave, esmaecida por tons claros e alegres de aguarela.



crepe liso completavam a graça deste lindo modelo.

Eis mais duas encantadoras bebés que pela sua graça animavam toda a assistência. Estava uma vestida em crepe «georgette» branco e a outra em tafetá azul pastel. Uma pequenina «ruche» enfeitava a parte inferior da saia.

Um lindo «cloche» em tafetá plissado completava o lindo «ensemble».

E que dizes tu deste lindo vestido lavrado que vestia a nossa prima?

Ela teve tanto successo quanto é verdade que estava vestida com imenso gosto e pelo último figurino.

A saia era em baixo recortada enquanto o corpo era enfeitado com um gracioso «fichu» que muito bem fica neste tecido ligeiro e elegante.

Despeço-me, minha querida, para ir a correr aos grandes «Magasins» por tua causa.

Beija-te affectuosamente tua tia

NUELMA.



CONCURSO DE BELEZA INFANTIL

VOGA

Inicia no proximo dia 21 a publicação dos retratos dos MAIS LINDOS BÉBÉS PORTUGUEZES

Comprem a VOGA de quinta-feira 21 de Junho!

Deveria ter sido iniciada no último número deste semanário a publicação dos retratos dos dez bebés que um júri expressamente nomeado para tal escolheria como os mais lindos de entre todos os concorrentes ao nosso concurso de Beleza infantil. Foi, porém, tamanha a afluência de concorrentes — mais de setecentos! — que o júri, embaraçado de veras com a escolha, resolveu propôr à direcção de Voga o alargamento do número de retratos a publicar e de entre os quais as leitoras da Voga resolverão quais os que devem receber os prémios respectivos.

Concordando nós plenamente com o justíssimo alvitre do digno júri, foi resolvido que no próximo número — a sair no dia 21 e com o qual a nossa revista passará definitivamente a sair à quinta-feira — sejam publicados os retratos dos bebés que o júri entendeu serem os mais lindos. São cerca de CINQUENTA E CINCO os escolhidos: ao bom gosto e critério das nossas leitoras e assinantes deixará a nossa revista o cuidado de indicar aqueles que mais dignos se lhe afigurem de receber os prémios estabelecidos para as mais lindas crianças.

Ver, pois, no próximo número da

VOGA que sae quinta-feira 21 OS RETRATOS DOS MAIS LINDOS BÉBÉS PORTUGUEZES

que concorreram ao

Concurso de Beleza Infantil

Leiam a VOGA de quinta-feira 21 de Junho!

TECIDOS CHICS

para vestidos e casacos de de senhora

Enorme colecção de padrões da ultima moda, recebidos directamente de Londres, Paris, Lyon e da Suissa

Grande variedade em fantasias em lã e em seda, com que abriu a estação de verão

a GALERIA DA MODA

(Antiga casa PERAL, L.DA)

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77

O próximo número da VOGA, sairá QUINTA-FEIRA, 21

Ayuntamiento de Madrid

A MAIOR FELICIDADE

CONTO POR MARIA AMÉLIA DE CARVALHO

(Continuação e fim)

QUANTOS sonhos, quantos devaneios, couberam nesse coração de quinze anos, onde o amor reinava pela primeira vez! Com vivacidade febril, ela procurava nas cartas de Judite, os trechos que se referiam ao seu amado, escritos despreocupadamente, como para não atear mais no seu peito a chama ardente que ela certamente já adivinhara...

Enfim! Anunciava-se já o dia certo do regresso.

Manuela sentiu uma alegria infinita; dir-se-ia que uma vida nova acabava de despertar em si, ao anúncio dessa felicidade que tanto a ambicionava, e que pressentia já tão perto. Em todas as coisas que a rodeavam, notou encantos novos; pareceram-lhe monótonos os dias passados perante tanto entusiasmo como o que nesse momento experimentava.

E na estação, entre tantas pessoas que vinham assistir à chegada do grupo que meses antes partira, ela alheia a tudo, viu apenas Jorge, que afectuosamente a saudava, com o mesmo olhar caricioso que tanto a perturbára já.

Mas foi de curta duração esse alheamento. Judite surgia na sua frente, um sorriso gracioso à flor dos lábios, e Manuela, no seu íntimo, teve outra vez remorsos de se ter esquecido dela, que lhe tinha, afinal, amenizado os seus longos dias de solidão.

Mas Judite pareceu não ter notado esse esquecimento, e falava-lhe:

— Então, Manuela, que tens feito?

Atentando melhor na sua figurinha elegante, continuou:

— Meu Deus! Mas como estás bonita!

Ela corou instantaneamente, porque Jorge que assistia à cena, sorriu, como que aprovando essa frase tão espontânea.

Mas na sua volubilidade, Judite falava, falava sempre:

— Sabes muitas novidades! Tenho confidências importantes a fazer-te. Vais ficar muito contente com um pedido que não esperavas... com certeza!

E ante a perturbação de Manuela, a quem o coração enamorado dizia já quais eram as confidências e o pedido a que Judite se referia, esta despediu-se, dizendo:

— Vai amanhã a minha casa. Contar-te-hei tudo. Não te esqueças. Adeus.

Aquela noite foi interminável para a jovem. E quando enfim o dia alvoreceu, ela só desejou a hora da visita. Olhava o relógio continuamente, como se o seu olhar tivesse poder para acelerar a marcha lenta dos ponteiros.

E antevia já as confidências, evocando na sua alma, o sorriso de cumplicidade com que ela olhava Jorge, quando fizera a promessa de lhe dizer. Não era possível qualquer dúvida. Ia dar-lhe parte, do desejo d'ele, saber o que pensaria a sua jovem amiga, desse pedido de casamento, antes que ele se dirigisse directamente a seus pais.

Como ela era sua amiga, fazendo o papel de mãe, que trabalhava para o bem dos que a rodeavam, porque desse modo, ela auxiliava também Jorge, o que de resto, lhe não ficava mal, pois era sua companheira de infância.

E Manuela sentiu tanta ventura, que chegou a ter receio de que fosse demasiada.

Enfim. O relógio acabava de dar as 5 horas.

Era a hora a que Judite dava recepção às suas amiguinhas, que a estimavam, tanto pela sua bondade, como pela viveza que a caracterizava.

E sem se demorar com requintes de toilette, tanto era o seu desejo de a ouvir, ela saiu.

Chegada a casa, o coração pulsava-lhe com tal violência, que parecia querer saltar-lhe do peito. Foi obrigada a parar antes de tocar à campainha.

Uma criada, acabava de abrir a porta, e cerimoniosa, convidava-a a entrar:

— A menina acaba de sair, e creio que virá tarde. Mas queira entrar e descansar um pouco.

Manuela estranhou o esquecimento de Judite, quanto à entrevista marcada, e lamentou que ela não pudesse compreender a sua ansiedade.

Lentamente, voltou para casa, aborrecida por aquela contrariedade, que a fazia esperar mais um dia. Mas a fé no seu amor era tão firme que, novos sonhos, vieram, dentro em pouco, povoar a sua cabecinha loura. E, embebida nos seus pensamentos, quase nem notou uma voz que a chamava, e um braço que lhe apertava o eu. Era seu irmão Paulo, que se dirigia também para casa.

Inquirindo donde ela vinha, Paulo informou-a que tinham acabado de lhe contar que Judite e casaria já na próxima primavera, constando-lhe, no entanto, que o noivo não era do seu conhecimento. E terminava, com um sorriso malicioso:

— Já é tempo, porque as suas primaveras continuam-se por vinte e cinco, com quanto seja ainda mais infantil do que tu, não é verdade, Manuela?

Ela nem respondeu, porque nesse momento esclarecia-se no seu espírito a razão porque não encontrara Judite e mais uma vez ela desculpava a sua inconstância. Era natural. Com a felicidade própria esquecera-lhe a felicidade heia.

E mais uma curiosidade se juntou à que a preocupava. Como seria o noivo de Judite? Ela não lhe ia? Paulo afirmara que não. E Manuela sorria da partida que a amiga lhe souberaegar, ocultando-lhe o seu amor, como ela também lhe ocultara.

E mais um dia decorreu, o espírito absorto em pensamentos deliciosos, a alma plena de esperança.

Acabava de entrar na salinha, elegantemente mobiliada, de Judite, e já esta fazia a sua aparição cumprimentando-a e sentando-se ao seu lado.

Discutiram-se futilidades. Manuela sentia tentações de provocar as confidências que tanto



esperava, mas não quis demonstrar a sua impaciência ante a volubilidade de Judite.

Depois de versar uma infinidade de assuntos que nada interessavam, esta decidiu-se enfim a iniciar o mais importante.

— Vou casar-me, sabes? Mas tu também vais ser muito feliz. Que dizes ao Jorge? Gostas d'ele, não é verdade?

Manuela nem teve tempo para dar qualquer resposta, porque as perguntas sucediam-se impetuosamente.

Porém, aproveitando uma pequena pausa, e incapaz de se poder conter por mais tempo ela perguntou por sua vez:

— E qual é o pedido em que me falaste?

Uma gargalhada cristalina em que havia mais de inconsciência que de maldade, soltou-se dos lábios de Judite.

— Mas não adivinhaste? É para seres a minha dama de honor, no dia do meu casamento com Jorge.

¶ ¶

O CRIME DE PEDRO KARCHINE

CARLOTA, Ricardina e Antónia seguíam, ofegantes, a leitura do manuscrito que Henriqueta fazia com lentidão, a fim de lhes redobrar a ansiedade:

«Atraíra-o ali para se vingar, para vingar a morte de seu irmão, ceifado em plena juventude, após um julgamento sumário. As doze balas do pelotão de execução, aniquilaram para sempre uma bela alma de artista, uma nobre inteligência, um coração apaixonado. Pedro Karchine cometera a suprema cobardia de o denunciar como revolucionário, dando-o como o executor de algumas das mais odiosas determinações de Bela-Kun, o ditador perverso e miserável. Seu ódio não tivera a menor justificação: que ofensa poderia ter praticado esse rapaz que vivia isolado do mundo, estranho às suas paixões, tendo apenas uma só aspiração: ser um grande violinista; e um só culto: Beethoven? O crime de Pedro era mais repulso do que os praticados por esses infelizes vindos ao mundo para perpetuar o mal, obedecendo aos estímulos indelévels que presidiram ao seu nascimento.

Através do reposteiro, os belos olhos negros de Sofia Ivanovitch tinham sinistros clarões de alegria. Ah! Se Pedro Karchine pudesse vê-los, teria, a pesar da sua coragem e da sua fleugma, estremecido de medo! Sofia continuou ainda, durante alguns minutos, fitando-o com a voluptuosidade dum tigre que contempla, antes de a devorar, a vítima certa e inerme. Dentro duma hora, a polícia entrava no palacete; três horas depois, Pedro estaria diante dos juizes e no dia seguinte, de manhã, cairia mortalmente ferido, numa poça de sangue.

Essa visão comunicou-se-lhe aos nervos, excitando-os. Num gesto sacudido, afastou o reposteiro e entrou na sala. Pedro Karchine, ao vê-la, ergueu-se e envolveu-a num olhar simultaneamente apaixonado e tímido. Sofia, mudamente, num gesto imperativo, fê-lo sentar a seu lado. E, depois, sem transição, com mal disfarçado nervosismo, suplicou-lhe, numa inflexão de voz, aparentemente carinhosa:

— Dizes-me o teu verdadeiro nome?

Manuela teve a impressão de que tudo voltava em torno de si, numa corrida vertiginosa; um frio horrível lhe percorreu o corpo, como se toda a neve do universo se tivesse despenhado sobre ela.

Pareceu-lhe que ia morrer nesse instante em que o seu coração paralizava, e dos lábios mudos de assombro, somente saíram sons ininteligíveis.

Mas o próprio som estranho da sua voz, a chamou à realidade. Dir-se-ia que era outra pessoa que falava, porque nem mesmo teve consciência das palavras proferidas.

A pouco e pouco voltou-lhe a lucidez. Convinçou-se que durara um século o seu sofrimento, tal era a intensidade da amargura que experimentava. E foi o orgulho que a fez reagir contra essa onda de amargura que do coração lhe subia à boca, numa fúria impetuosa.

Viu Judith, que sem ter reparado na sua perturbação, fôra buscar uns figurinos e voltava novamente, risonha e feliz. Pensou por momentos em lhe confiar o seu desgosto, mas a ideia de ter de se humilhar perante a amiga, que lhe tinha feito acalentar ilusões falsas, revoltou-a.

E afivelando ao rosto a máscara da impassibilidade que daí em diante seria obrigada a usar, ela ouviu as confidências entusiásticas de Judite, sem lhe compreender o sentido.

Uma frase, porém, despertou-lhe a atenção:

— O Jorge diz que gostou sempre muito de ti, porque te parecees extraordinariamente com uma irmãzinha muito querida, que lhe faleceu há anos. Considera-te, pois, sua irmã, para o que contribui bastante a tua idade infantil.

Assim, Judite não fazia mais do que revolver o punhal na ferida incurável que acabava de abrir.

Jorge então, gostava dela, porque a achava criança, e por uma simples parecença. Nada mais! Como fôra ridícula em pensar que ele a amava!

E porque lhe era impossível continuar a aparentar indiferença, ela pretextou uma dor súbita, que a obrigava a retirar, e safu, sem que Judite suspeitasse, sequer, que tinha acabado de infligir a maior tortura da sua vida.

Depois, na solidão do seu quarto virginal, embalado do perfume suave das flores que o adornavam, chorou dolorosamente o seu sonho perdido, a queda das suas primeiras ilusões da juventude.

Todos a tinham traído. Judite só agora se lembrava de lhe falar nessa irmãzinha, quando se tornava impossível que ela tivesse por Jorge apenas uma afeição fraternal.

Ele calara-se também, e o seu silêncio só contribuiu para que o desabar das suas esperanças fosse hoje muito maior. Ambos a haviam traído,

— Pedro Karchine — volveu ele, tornando-se intensamente pálido.

— Eras amigo de Bela Kun, por isso te admirou... e estimo...

— Desculpa dar-te a primeira desilusão, mas eu detestava-o. Nunca gostei dos tiranos, mesmo que eles encarnem as ideias mais avançadas, as aspirações mais justicieras. O meu partido era o dos vencidos.

— Lembra-te da morte de meu pobre irmão? — inquiriu Sofia com uma voz dura, em que a cólera anunciava um próximo desencadeamento.

— Pobre rapaz! Estava inocente. Foi vítima dum ser desprezível, um scelerado.

— Sabes o seu nome? — perguntou Sofia, transtornada pelo poder de dissimulação daquele homem.

— Parecia-se com o meu: Pedro Garchine.

— Garchine?

— Sim, Garchine, o esbirro, o agente provocador, meu encarnação inimigo. Foi também quem me denunciou.

Sofia, num ímpeto, apertou-lhe os braços. E ante o olhar admirado de Pedro, gritou-lhe, alucinada:

— Desgraçado! A semelhança do apelido, fêz com que te tomasse pelo assassino de meu irmão. Denunciei-te. Dentro duma hora, a polícia entra nesta casa, e prende-te. Tens de fugir.

Pedro Karchine considerou, durante um minuto, aquela mulher que o perdera e que, nesse momento, queria salvá-lo, para se poupar a um remorso pungente.

Seu rosto exprimiu, num lampejo, uma grande indignação. Depois, acalmou-se e replicou pausadamente:

— És mais desprezível na tua piedade do que no teu ódio. Não amo a vida, não temo a morte. Espero, pois aqui, a polícia, curvo-me à tua fúria de vingança.

Sofia envolveu-o num amplexo de que ele não ponde desembaraçar-se, e suplicou:

— Foge, poupa-te e salva, dum crime hedion-

quando ela mais confiava na amizade e no amor, e Manuela censurava-se amargamente pela sua ingenuidade que lhe fechara os olhos, quando afinal era tão fácil de prever que esse casamento seria o inevitável desfecho de um idílio que, certamente, só ela não notara.

Odiou Judite, tanto quanto lhe tinha querido; detestou Jorge, por quem tinha jurado a si mesma ser eternamente dedicada, e fugiu ao convívio de todos aqueles que na ignorância do seu desespero, lhe poderiam vir evocar as horas mais dolorosas que tinha vivido.

A ingenuidade pura transformou-se-lhe em desconfiança, e uma infinita descrença, um desalento imenso, se apoderaram dela.

Mas revendo na sua memória o tempo decorrido desde que conhecera Jorge, compreendeu que a ninguém poderia culpar da amargura sentida; visto que só a sua imaginação romântica e sonhadora fôra a causa da tortura moral que a invadia.

E quando dois meses depois se levantou do leito, onde um grande ataque de febre nervosa a retivera, Manuela soube que o casamento se tinha já efectuado.

Pareceu-lhe que qualquer coisa se acabava de despedaçar dentro de si, não porque conservasse ainda qualquer esperança, mas porque o coração se revoltava, ferido demasiadamente, para que a resignação pudesse ocupar o lugar da dor.

E mais uma vez, ela deixou correr silenciosamente as lágrimas amarguradas da sua primeira desilusão.

Passaram anos. Nunca mais vira Jorge, nem Judite, nem tão pouco nada perguntava que a eles se referisse.

Mas o seu amor perdurava sempre, e todos quantos tentaram prendê-la, foram repelidos. Uma grande serenidade entrara na sua alma, e assim, a sua adoração sem esperança, era tão pura que lhe dava coragem para pedir a Deus que ele fosse sempre feliz, com a mulher que escolhera e que ela sabia loucamente amada.

E um dia, no meio da maior estupefacção, ela leu num jornal que ia ser decretado o divórcio entre esses dois entes que inconscientemente tanto mal lhe tinham feito.

Não sentiu a alegria de ver Jorge novamente livre, porque para ela estava perdido para sempre, nem tão pouco a vingança de ter sido desprezado como ela fôra, mas apenas uma grande piedade por o saber infeliz, um infundo pezar do seu lar despedaçado, por essa mulher que lhe roubara a felicidade com a mesma indiferença com que hoje a deixava fugir, pois fôra Judite que requêrera o divórcio, alegando incompatibilidade de temperamentos.

Enquanto ela, a criança, a desprezada, fazia preces por ele, já que não lhe fôra dado oferecer-lhe a vida inteira, a outra, adorada mas inconsciente, quebrava os laços sagrados e indissolúveis que a uniam a Jorge para sempre.

E Manuela, a pesar da sua solidão e da sua imensa tristeza, sentiu-se nesse momento mil vezes mais feliz que qualquer d'elles, porque possuía o maior bem da vida, que eles doravante já mais poderiam compartilhar:

A paz da consciência tranquila!

¶ ¶

do, a minha consciência. Salva... o meu amor!»

Henriqueta deteve-se, ante a admiração das suas amigas.

— Conclui — gritaram, em côro, Carlota, Ricardina e Antónia.

— Não posso — volveu Henriqueta. Ignoro onde pára o resto do manuscrito que não foi encontrado entre os papeis de meu falecido tio...

ELENA DE GUSMÃO.

EM AVEIRO



Lisette, tricaninha formosa, colhendo flores no jardim da cidade

O próximo número da **VOGA**, sairá QUINTA-FEIRA, 21

Ayuntamiento de Madrid

SABER ECONOMISAR É SABER ENRIQUECER



tipo de cofre que pomos gratuitamente á disposição do público para conseguir este fim

Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Cecílio de Sousa, 77, 1.º Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise com a quantia de — um escudo — em papel moeda ou estampilhas postais por cada consulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos documentos enviados devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente falsos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem o menor receio de suscepti-

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS prefiram, para corte de cabelo, o gabinete do **SALÃO ARTE NOVA**, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

bilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa de todos os seus característicos grafológicos, podem todas as ex.^{mas} consulentes da *Voga* reendereçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal, (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

N.º 499 — *Valette* — Lisboa. — Entusiasmo e imaginação exaltada por um temperamento por vezes violento.

Idealismo sentimental e precipitado.

N.º 500 — *Luar*. — Intellectualidade, bom humor, equilíbrio de faculdades e sensibilidade. Audácia, simplicidade, franqueza e qualidades excelentes.

Um bom grafismo em toda a acepção da palavra.

N.º 501 — *Garota Linda*. — Afectividade sensível e... talvez precipitada em movimentos de impulsão imprevisível.

Actividade física e mental prejudicada por uma parcela de pessimismo.

N.º 502 — *Uma Desiludida*. — Apesar d'este pseudónimo denotar tão grande desânimo, o grafismo do documento enviado simplesmente revela fé, decisão e energia.

Toda a sua força de vontade transparece nestes traços, atingindo por vezes os limites da violência e da... cólera.

N.º 503 — *Solrac*. — Actividade mental, ponderada e consciente, na verdadeira revelação de uma vontade firme e audaz.

Hábitos de leitura, assimilando com grande facilidade e não perdendo jámais qualquer oportunidade para dignamente valorizar-se.

E eis tudo, senhor... Carlos!

N.º 504 — *Uma admiradora de Rodolfo Valentino*. — Poderá enviar o documento a que se refere, junto com um envelope devidamente estampilhado para registo, e endereçado para que a devolução possa fazer-se mais facilmente.

A nota predominante no seu grafismo é a observação aliada a uma memória fiel e constante.

Qualidades morais optimas, talvez em parte prejudicadas por um leve sentimento de desconfiança e de dúvida.

N.º 505 — *Alens*. — Originalidade, imaginação até por vezes desregrada vibrando impetuosamente em luta com o meio e as convenções.

Todos os traços indicam bondade dócil e facilmente submetida a um sentimento mais forte.

Vontade rígida, decidida e inconsequente. É um grafismo originalíssimo digno de um estudo mais profundo.

N.º 506 — *Lancia*, *J. M. — Espírito culto, dotado de uma grande observação e desenvolvidas faculdades mentais.

Decisão, visão exacta e fácil adaptabilidade.



O seu Fogão de Pressão fará o serviço de 3 fogões — sem que por isso gaste mais petróleo — desde que lhe adapte uma **TREMPE VACUUM** que sómente custa

24 ESCUDOS

Peça hoje mesmo o nosso impresso ilustrado que lhe será enviado na volta do correio.

Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Tel. 3075 e nas suas Agencias

137

Trempe VACUUM



N.º 507 — *Rosa, M. J.* — Agitação entusiasta numa manifestação violenta e precipitada da sua sensibilidade sem duvida apurada.

Depressão talvez causada por uma determinada insuficiência de actividade física vibrando com um temperamento demasiado meridional...

N.º 508 — *Marquilha* — Pôrto — Desejo de aperfeiçoamento pessoal procurando regar todas as suas atitudes e gestos segundo um sentimento bastante louvavel mas talvez demasiado «copista».

Tudo o segredo do seu êxito deve consistir em procurar adaptar-se mais do que copiar.

Nervosismo, entusiasmo e hesitação, aliás bastante conveniente às circunstâncias que parecem rodeá-la.

N.º 509 — N.º 1 — Pôrto — Impressionabilidade, por vezes agitada por uma natureza muitíssimo sensível, agitada e afectuosa.

É bem o grafismo de quem sempre procura aproximar-se da realidade de uma existência luminosa e repleta de todos os benefícios possivelmente proporcionados por uma dedicação desinteressada.

AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a todas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a todas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que não tenham rece-

bido o resultado das suas consultas ou não os tenham visto publicados na *Voga*, o favor de nos avisarem, a fim de podermos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refugio Postal.





PÓS DENTÍFICOS AVELLAR
 VENDE-SE NAS BOAS CASAS
 DEPOSITO GERAL FARMACIA
 AVELLAR
 Rua Augusta 245 - LISBOA

HOMENAGEM A CARLOS LEAL

Carlos Leal, que há anos vem sendo toda a alegria dos nossos teatros de revista, conseguindo com os seus ditos a propósito chamar sobre si a atenção de quantos vão ao teatro para folgar um pouco das lutas de cada dia, tem agora uma compensação na admiração do Comércio de Lisboa que, num gesto digno de louvores, lhe vai prestar uma grande homenagem, patrocinando a festa em sua homenagem que na noite de 18 se realiza no Politeama.

Aos cómicos da categoria de Carlos Leal ontorgam as forças vivas das grandes cidades a sua admiração, proporcionando-lhe as homenagens a que têm jus, e Lisboa, hoje uma cidade que acompanha o que de interessante se faz lá fóra, não quiz fugir à regra.

Já deram a sua adesão os artistas Eva Stachino com as suas formosas «girls», Emília de Oliveira, Lina Demoel, Albertina de Oliveira,



(Foto Brasil).

Teresa Gomes, Julieta Soares, Corina Freire, Beatriz Costa, Luisa Durão, Geraldo de Magalhães, Gastão Alves da Cunha, Rafael Marques, Tomás Vieira, Augusto Costa, Mário Santos, Joaquim Miranda, João de Almeida, e o poeta Silva Tavares que gentilmente interpretará o «Cardeal Rufo» da «Ceia dos Cardeais».

A comissão de honra é presidida pelo sr. Eduardo Maria Rodrigues, Presidente da Associação dos Lojistas, e dela fazem parte os comerciantes srs. Zacarias Maria Pereira de Lima, Pedro Rodrigues Costa, Sebastião Mestre dos Santos, Januário Esteves Nogueira, Miguel Silveira, Graciano Pereira, José Afra, Amadeu da Fonseca, Alfredo Ferreira, Joaquim Gomes Jardim, Domingos Teixeira Marques, Mariano Costa, Emílio Braga, José Gomes Pinto, Silva Nogueira, Seabra Santos e Carlos Alves, que estão empregando todos os esforços para que a homenagem ao aplaudido artista tenha o brilho que o seu querido nome merece.

Os srs. Raimundo Alves, Silvestre Rodrigues e António Casanova, convidaram para fazer a alocução ao artista, o ilustre causídico dr. Amâncio de Alpoim.

VOGA,
 SEMANARIO ILUSTRADO DA
 MULHER é a melhor e mais barata
 das publicações do género em língua portuguesa.

O HOMEM QUE ASSASSINOU

CLAUDE FARRÈRE

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

UMA estátua seria menos imóvel. Sir Archibald dá um passo. Cernuicz inter põe-se:

— Archie, o senhor não vai...
 — Stanie, cale-se, peço-lho. É correcto que se cale.

Ele cala-se. Parece-me que outros não se calariam...

— Mary, quer assinar isto?

Nem uma palavra, nem um murmúrio. Está transformada em pedra. O risinho de lady Edith cala-se agora. A vibora morde:

— Mary, assine e acabe-se com isto. Vejo que não está suficientemente agasalhada: vai apertar frio... e se adoecer; quem cuidará do seu querido filhinho?

Desta vez, a estátua estremece. Mas ainda não responde.

— Edith, deixe-a. É preciso acabar. Mary, assine. Leia primeiro, prefiro que leia. É apenas um documento para obter o divórcio — o seu consentimento e a confissão de... do facto. Não haverá escândalo. A papel será unicamente visto pelo magistrado e pelo cônsul. Tudo será apalado, visto que a senhora não poderá defender-se. Se não assina, chamo os criados e

obtenho a prova testemunhal. Haverá escândalo.

Estende o papel. A mão que agarra o para-peito da janela crispa-se, e a cabeça retirada contra a ombreira diz que não.

— Não? Como quizer. Haverá então escândalo. Será pior para o filho; ele saberá a espécie de mulher que era sua mãe.

Silêncio de um segundo. A mão desprende-se da janela, o corpo dobra, a cabeça inclina-se. Lady Falkland está de joelhos.

— Archibald! suplico-lhe! o menino... não me tire o menino...

— Isso está fóra da questão. A senhora podia ter falado assim, ontem. Mas eu já lhe disse: agora está-me na mão. Se assina, o pequeno não saberá. Se não assina, saberá. Escolha, e não diga palavras inúteis.

— Archibald... suplico-lhe... o menino...

A voz baixou uma oitava, e mal a oído, tão fraca e tão grave, extinguindo-se ao peso de tanta dor!

É Edith que responde:

— Archie, chame os criados. Está a ver que ela não compreende. Estas francesas têm muita sensibilidade, mas pouca inteligência.

COLGATE'S CASHMERE BOUQUET



...acaricia lindamente a sua pele
 ...conserva a vossa pele
 suave e linda



AGENTES GERAIS:

JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª L.ª

75, Rua da Conceição, 1.º — LISBOA

TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO usando FILOCOL N.º 1 para o desenvolver, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS d'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos medicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

Um bater de pés súbito. Lady Falkland levantou-se, medonha.

— Archibald! — a voz brotava aos sacões, terrível. — Mande-a calar primeiro. Eu estou em minha casa, aqui, em minha casa ainda! Archibald, o senhor é muito, muito abjecto. Nós eramos dois estranhos sob este tecto, eramos livres um e outro. Quantas vezes me disse que eu era livre, que queria que eu fosse livre, para o senhor mesmo ser livre? Quantas vezes teria eu podido colhê-lo no laço, como o senhor me colheu esta noite? Mas não quiz. Fui leal!... O senhor é traidor!... traidor!... traidor!...

Vejo-o tornar-se lívido, perante o insulto. Hesita um segundo, de pé, diante dela. E de repente, como ela repetisse mais uma vez: Traidor!... ele levanta o punho cerrado e atira-o sobre a frágil espádua. Lady Falkland cai. Cernuicz não se mexeu.

O marido, implacável, abre a porta:

— Chamo?... Um... dois...

Não vejo o gesto da mártir, que está no chão, esmagada, vencida. Mas o algoz detém-se, e torna a fechar a porta. Depois, abaixa-se com o papel numa das mãos e a pena na outra. É tão completo o silêncio, que oído a pena ranger... Acabou-se.

— Edith, Stanie. Assinem também, como testemunhas. Ela assina, e Cernuicz assina também, sem revolta. Acabou-se. Sir Archibald Falkland dobra o papel, cuidadosamente, e mete-o na sua grande carteira de couro escarlate.

— Amanhã, irei a San Stephano, a casa do magistrado. Há um combóio às três horas... All right. Stanie, um cigarro?

Fumam como dois amigos.

Entretanto uma sombra se levanta, lentamente, até à janela e se debruça. Lady Falkland, com pesado esforço, endireitou-se. Debruça-se sobre o mar... Oh! não se atira. Não tem sequer a energia que seria precisa para se atirar. Assinou. Já não tem filho. Não quer mais nada. Não procura mais nada, a não ser a frescura húmida para as suas fontes... Olha para a noite. — Logo que se habituar à escuridão, verá o meu caique: tenho de partir. Sacudo o ombro de Osman, estendido silenciosamente sobre os grandes remos.

Então, um último som me chega ainda, um som que eu já ouvi, outro dia, sob os ciprestes, e que súbito, agora como então, me aperta a garganta e me prende o coração: um som de soluços, de soluços que já se não podem soffrear. Pobre, pobre senhora! Abatida, desarmada, espezinhada — sem um amigo, um vingador, sôzinha, completamente só! as forças esgotaram-se-lhe. O seu orgulho está quebrado. É-lhe indiferente que a outra, a rival, a ladra, veja e saboreie aquelas lágrimas, que transbordam. Chora ali como choraria nos meus braços, sob os ciprestes mudos e surdos. É-lhe indiferente. Tudo lhe é indiferente. Já não tem filho, já não tem filho...

(Continua)



"COLUMBIA" DISCOS

NOVO REPORTÓRIO PORTUGUÊS

E' posta hoje á venda a 1.ª SÉRIE

J-809 — Fado do João, Fado Pechincha — JOÃO DO CARMO. J-810 — Fado do meu Amor, Fado Sentido — LILIA BRANDÃO. 8109 — Fado da Mouraria, Fado Bacalhau — SOFIA PEDREIRA. 8110 — Fado do Ceguinho, Fado da Pobreza — SOFIA PEDREIRA. J-811 — Fado Corrido (Pancada dobrada), Fado da Praia — DR. BORGES DE SOUSA. J-812 — Fado Antigo, Fado das Falés — JOÃO DE MATOS. 8111 — Fado Ligeiro, Estaladinho — FRANCISCO BENETÓ. 8112 — Balalaikas (Variações), Corridinho do Algarve — SOLO DE BANDOLIM POR CARLOS BRAGA.

Brevemente: 2.ª SÉRIE

AGENTES EXCLUSIVOS E UNICOS IMPORTADORES:

P. SANTOS & C.ª, L.ª

52, 54, R. Ivens, - LISBOA - R. Garrett, 57, 59, 61

Lave, ondule e
 córte o seu
 cabelo
 na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35

PARA MEMÓRIA DOS VINDOUROS!...

SALVO um grande cataclismo ou outros fenómenos físicos da Terra e as muitas calamidades previstas pelas companhias de seguros que são classificadas como «Actos de Deus», os negativos das grandes produções clássicas da cinematografia como «The Big Parade», «The Trail of 1898» e muitas outras, ousamos afirmar que, daqui a vinte e cinco mil anos ainda hão de continuar com existência, ao passo que, outros filmes de assunto de importância sobre factos da actualidade de valor histórico, mais conhecidos por filmes-jornais, ao contrário, terão desaparecido por completo, pois que estes não passam pelos mesmos processos de confecção rigorosa dos laboratórios, como sucede com os filmes das super-produções.

Há de ser através destes filmes que um dia as gerações de um futuro muito equidistante, hão de conhecer e melhor apreciar a civilização de nossos tempos e a sua evolução; eles hão de ser, portanto, o melhor mensageiro e intérprete da nossa vida, de nossos costumes e do nosso progresso, para essas futuras gerações.

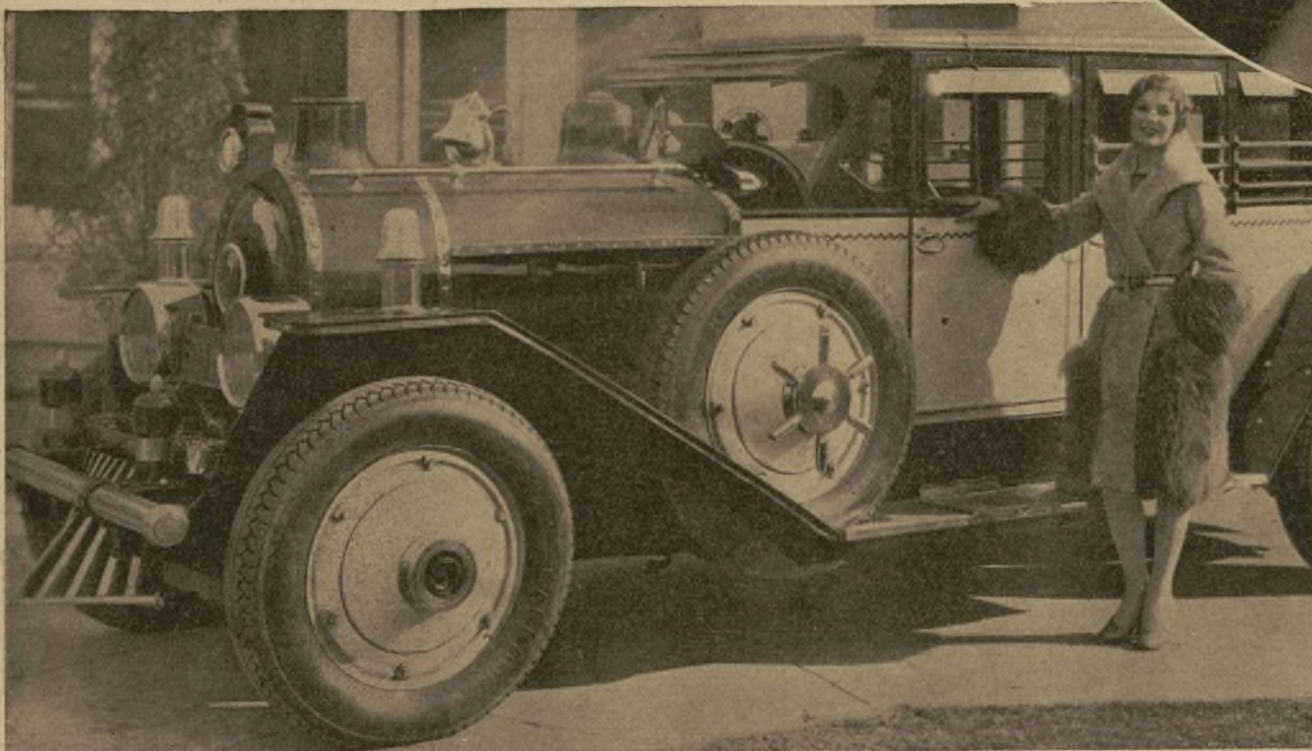
A Metro, por exemplo, faz para cada uma de suas grandes produções três negativos: Uma cópia é utilizada nos Estados Unidos; outra nos países estrangeiros e finalmente a terceira, depois de hermeticamente fechada em uma caixa forrada de chumbo a uma temperatura de 15-5/9 graus centígrados, é depois guardada em um cofre de cimento armado, cuja temperatura é constantemente mantida a 22-2/9 graus centígrados.

Conforme a opinião de John Nicholas, chefe da Secção de Máquinas Fotográficas dos Studios da Metro, o filme que todos nós sabemos ser manufacturado de celuloide, sob estas condições conservar-se há eternamente.

É bem verdade que nenhum precedente há na história que possa corroborar categoricamente essa opinião, mas os filmes que assim são acondicionados por períodos de cinco e mais anos, quando foram examinados, nenhum estado de deterioração apresentavam.

Conserva-se actualmente um negativo de cada produção de valor histórico, certos de que, daqui a vinte e cinco mil anos, poderão ser exibidos tal como se fôsse hoje, a não ser que uma catástrofe qualquer destrua por completo os cofres onde estão guardados.

Como já dissemos, isto refere-se e cinge-se simplesmente às grandes produções, pois

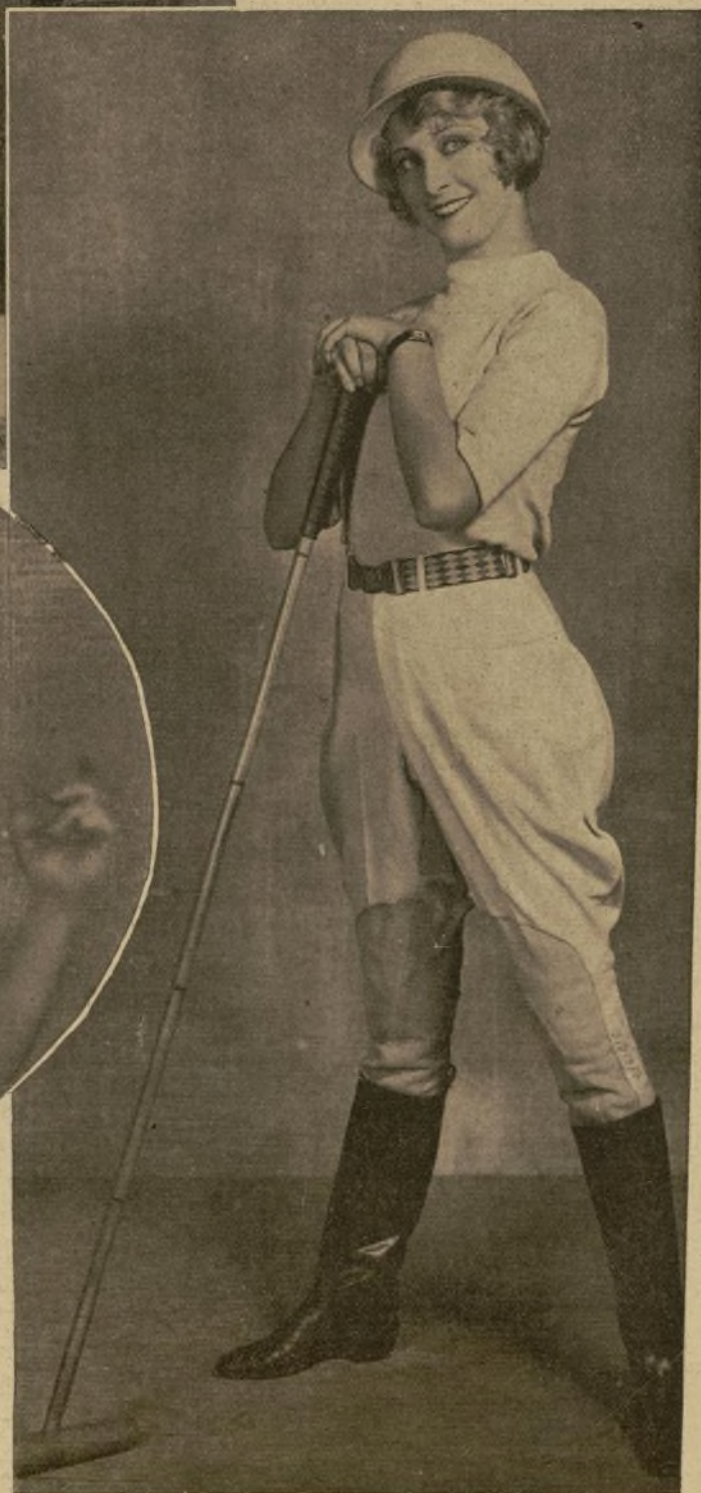


que, na sua opinião, está progredindo muito e de acordo com as normas mais modernas. Thalberg acredita muito sinceramente que os filmes europeus anda hão de ocupar um grau de elevada preferência.



que os filmes referentes aos acontecimentos da actualidade, que registram os grandes vãos e outros factos importantes devido à sua confecção muito rápida, a fim de não perderem o interesse do momento, como não passam pelos mesmos processos de tratamento científico, no curto espaço de quinze annos será impossível reconhecê-los na tela.

Irving Thalberg, acompanhado de sua esposa, Norma Shearer, acaba de regressar de uma viagem de recreio à Europa. Dentre as muitas coisas de interesse, a que maior atenção despertou a este director foi a indústria cinematográfica europeia



CINEMA CONDES—Terça-feira 19 de Junho—VERTIGEM DA DANÇA,

COM ALMA RUBENS, MADGE BELLAMY
E GEORGE O'BRIEN

Ayuntamiento de Madrid